

ARTIGOS

MARCAS DE INFÂNCIA: UMA REFLEXÃO SOBRE O PROBLEMA DO ABUSO INFANTIL

Natanael B. P. Moraes, DTP

Professor de Aconselhamento Pastoral do curso de Teologia
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho, SP
natanael.moraes@unasp.edu.br

Resumo: Este artigo tem o objetivo de descrever, panoramicamente, o problema do abuso sexual. Discute o assunto a partir de uma perspectiva bíblica e o identifica como uma herança negativa das influências liberalizadoras da revolução sexual. Trata ainda, sucintamente, da prevenção e tratamento do abuso.

Palavras-chave: abuso infantil, revolução sexual,

Childhood Hurt: A Reflection on the Problem of Child Abuse

Abstract: The goal of this article is to describe, in a panoramic way, the problem of child abuse. It discusses the subject from a Biblical perspective, and identifies it as a negative heritage from the “liberating” influences of the Sexual Revolution. It also deals, briefly though, with ways of prevention and treatment for this kind of abuse.

Keywords: Child Abuse, Sexual Revolution.

INTRODUÇÃO

A revolução sexual do século passado (1960-1980) produziu resultados positivos e negativos. Como positivo, pode-se mencionar a superação da perspectiva pecaminosa sobre o sexo, uma herança da teologia agostiniana.¹ Na verdade, os efeitos da revolução sexual foram mais negativos do que positivos. Entre os efeitos negativos, destaca-se, lastimavelmente, o aumento do índice de abusos sexuais.

A palavra abuso provém do latim *abusus*.² O prefixo *ab* significa “afastamento, separação”.³ Assim, quando alguém se afasta do “uso” normal, comete “abuso”. Por sua vez, Maria H. Diniz define abuso como: uso excessivo, impróprio ou injusto de alguma coisa; excesso no exercício de uma função ou exercício irregular de um direito; ato contrário à lei, à moral e aos bons costumes; ato ilícito, imoral, anti-social; violência sexual; estupro; defloramento.⁴

Por definição, abuso é uma situação abrangente que envolve mais do que a questão sexual. O histórico do imperador romano Nero é um exemplo



notório. Era filho de Gneu Domício Enobarbo com Agripina. Casou-se com Otávia, mas teve uma amante por nome Popéia Sabina, que era casada com Marcos Otho. No ano de 62, Nero se divorciou de Otávia e a acusou de adultério, por isto, ela foi condenada à morte. Depois, casou-se com Popéia Sabina. O historiador Suetônio informa que Nero matou Popéia Sabina à pontapés porque ela reclamou de sua tardança. Ele ficara assistindo corridas de cavalos com carruagens. Na ocasião ela estava grávida. Ainda segundo Suetônio, Nero tentou envenenar a mãe três vezes, mas não conseguiu matá-la. Em outra oportunidade fez com que o teto do quarto caísse sobre a mãe, porém, ela conseguiu escapar. Mais tarde, armou um plano para que o barco no qual ela navegava afundasse. A embarcação naufragou na Baía de Nápoli, mas sua mãe escapou nadando até a praia. Por fim, conseguiu seu intento. Nero contratou um assassino que esfaqueou a mãe até a morte.⁵

Depois que matou Popéia Sabina a pontapés, Nero castrou Sporus e se casou com ele. Realizou uma cerimônia de casamento com todas as pompas a que tinha direito. Vivia com ele como se fosse sua esposa.⁶ No ano de 64 d.C, Roma foi destruída por um incêndio que durou seis dias. Suetônio conta que Nero subiu numa torre para cantar e contemplar as chamas a consumirem Roma. O imperador procurou um “bode expiatório” para culpar pelo incêndio da capital do império. Encontrou-o numa nova seita religiosa, os cristãos. Muitos deles foram presos e lançados às feras no circo. Outros tantos foram crucificados. Muitos foram queimados até a morte para iluminar os jardins de Nero. Enquanto as “tochas” humanas queimavam, o imperador se unia aos espectadores para contemplar a cena.⁷

Assim, os atos malévolos perpetrados por Nero como o adultério com Popéia Sabina, o assassinato de sua mãe e de sua segunda esposa, o convívio com um eunuco como se fosse mulher, a culpa injustamente colocada nos cristãos pelo incêndio de Roma e a condenação deles à morte se constituem em verdadeiras atitudes abusivas.

1. PERSPECTIVA BÍBLICA DO ABUSO

Conforme a Bíblia, “pecado é a transgressão da lei” (1Jo 3:4). O primeiro ser criado por Deus a pecar contra Ele foi Satanás, deste modo, ele se tornou o primeiro “abusador” do universo. Ele investiu contra: Deus, seu caráter, sua lei e seu governo. Não satisfeito, Satanás continuou sua obra abusiva na Terra, na qual levou Adão e Eva a pecarem contra Deus (Gn 3:2-4).

Inicialmente, Deus dissera a Adão e a Eva “de toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2:16, 17). A vida e a felicidade da raça humana dependiam da decisão de atender ao “não” de Deus. Este mandamento era uma delimitação do poder e da liberdade do casal. Assim, o bem-estar deles dependia da aceitação dos limites colocados por Deus.

Quando o tentador se aproximou de Eva, ele investiu diretamente contra a restrição imposta por Deus, “a serpente disse à mulher: É certo que não morreréis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal” (Gn 3:4, 5).



Estava implícito nas palavras de Satanás que a lei de Deus era desnecessária. É como se ele estivesse dizendo “eu garanto que você é uma pessoa livre. Não existem limites para você. Coma!”. Este é o grande engano do inimigo. Não há necessidade de leis. Todos são livres para fazerem o que desejarem.

A desobediência de Eva, comendo do fruto proibido, configurou-se no primeiro ato abusivo na face da Terra. Logo depois, Adão cometeu o mesmo engano e se uniu a esposa na transgressão. Por esta perspectiva, a desobediência de Adão e Eva se constituiu num uso indevido da liberdade concedida por Deus, um verdadeiro ultrapassar dos limites divinos.

Neste momento da discussão é oportuno que se apresente o ponto de vista do direito sobre abuso. Conforme Castelo Branco, “qualquer transgressão é abuso”.⁸ Fica evidente, portanto, que todo abuso é um tipo de pecado. Isto confirma a etimologia da palavra, pois o latim *abusus* significa um afastamento do uso normal.

Por sua vez, a Bíblia narra diversas situações abusivas: os homens de Sodoma quiseram abusar dos anjos (Gn 19); Jacó roubou a bênção de Esaú com mentiras (Gn 27); Diná foi abusada por Siquém (Gn 34); a concubina do levita sofreu abuso sexual e morreu em função do mesmo (Jz 19-21); Davi adulterou com Bate-Seba (2Sm 11-12); Amnom cometeu incesto com sua irmã Tamar (2Sm 13); Amnom foi assassinado por Absalão (2Sm 13); o infanticídio ordenado por Herodes, cujo principal propósito era o de tirar a vida de Jesus, o presumido rei de Israel (Mt 2:16-18). Por fim, o ato mais abusivo do universo foi cometido contra Jesus Cristo, ao ser condenado injustamente a morrer na cruz do Calvário.

Como se notificou acima, abuso é uma ação anormal que abrange qualquer tipo de transgressão, seja da lei de Deus ou dos homens. Antes que se aborde o tema do abuso infantil, é necessário que se faça uma análise sucinta do histórico que antecedeu a revolução sexual, uma das principais causas sociais dos abusos sexuais do presente.

2. REVOLUÇÃO SEXUAL E AUMENTO DOS ÍNDICES DE ABUSO SEXUAL

As estatísticas indicam que os índices de abuso sexual estão crescendo, quais seriam os motivos? Uma breve retrospectiva na história do século passado permite que se encontrem as raízes dos “abusos”, hoje tão comuns.

Na verdade, a revolução sexual das décadas de 1960-1980 foi quem contribuiu consideravelmente para o crescimento alarmante de abusos sexuais contra as crianças, jovens e mulheres.

Dentre as principais influências da revolução sexual, destacam-se três pensadores, Friedrich Nietzsche, Wilhelm Reich e Herbert Marcuse. Em sua obra *Assim Falava Zaratustra*, Nietzsche (1844-1900) concita o homem a assumir a morte dos deuses e a se dedicar intensamente aos valores terrenos:

Meus irmãos, permaneceis fiéis à terra com todo o poder da vossa retidão. Sirvam à terra o vosso amor dadivoso e o vosso conhecimento. Eu vo-lo rogo, e a isso vos suplico.

Não deixeis a vossa virtude fugir das coisas terrenas e esvoaçar contra paredes eternas. Ai! Tem havido sempre tanta virtude extraviada!



Restituí, como eu, a virtude extraviada à terra. Sim; restituí-a ao corpo e à vida, para que dê à terra o seu sentido, um sentido humano [...]
Solitários de hoje, vós, os afastados, formareis um povo algum dia. Vós que vos haveis escolhido a vós mesmos, formareis um dia um povo eleito do qual nascerá o super-homem [...]
Todos os deuses morreram; agora viva o super-homem! Seja esta, chegando o grande meio-dia, a vossa última vontade.⁹

Nietzsche deu o golpe mortal na crença em Deus. Outro ataque significativo contra a fé e a moral cristã veio por parte de Wilhelm Reich (1897-1957). Ele afirmou:

A existência de princípios morais rigorosos tem sido sempre uma prova de que as necessidades biológicas, especialmente as necessidades sexuais do homem, não estão sendo satisfeitas. Toda regulamentação moral é sexualmente negativa, isto é, nega as necessidades sexuais naturais. Toda moral nega a própria vida, e a revolução social parece não ter tarefa mais importante do que possibilitar finalmente ao homem, ao ser humano vivo, a satisfação e realização da sua vida.¹⁰

Com a “morte” de Deus proclamada por Nietzsche, o combate a regulamentação moral perpetrado por Reich, faltava apenas um “empurrãozinho” para que a revolução sexual explodisse. Isto foi realizado por Herbert Marcuse (1898-1979). Este se mobilizou contra os valores morais da religião judaico-cristã, segundo a qual o homem tinha que “comportar-se como um ser superior, vinculado a valores superiores; [onde] a sexualidade tinha de ser dignificada pelo amor”.¹¹ Marcuse anteviu as conseqüências de sua proposta, quando diz que, ocorreria “uma desintegração das instituições em que foram organizadas as relações privadas inter-pessoais, particularmente a família monogâmica e patriarcal”.¹²

Estes foram os principais antecedentes da revolução sexual, cujas primeiras manifestações públicas ocorreram na França. Como exemplo, menciona-se o grafite “É proibido proibir”, que apareceu nos muros de Paris em 1968. Frases como esta “incendiaram desejos e alimentaram sonhos em todo o mundo”.¹³

A seguir, destaco alguns dos diversos prejuízos influenciados pela revolução sexual. O primeiro deles é a gravidez na adolescência. Uma, em cada sete crianças nascidas nas Américas, é filha de mãe adolescente, num total de 2,5 milhões de bebês por ano.¹⁴ O crescimento explosivo da gravidez precoce também pode ser observado na demografia do Estado de São Paulo. Enquanto a população cresceu 40% na década de 1970-1980, o número de partos entre adolescentes de 15 anos, aumentou 300%; e entre as de 16 anos, cresceu 127%, neste mesmo período.¹⁵ Em nível de Brasil, entre 1976 e 1994, o número de adolescentes que engravidaram com menos de 15 anos de idade saltou de 2.223 para 11.457. Trata-se de um aumento da ordem de 391%, num período em que o crescimento populacional brasileiro foi de 42,5%.¹⁶

O aborto, por sua vez, é uma conseqüência natural do aumento da gravidez indesejada. Em 1997, apenas nos hospitais do SUS (Sistema Único de Saúde) foram recebidas 241 mil adolescentes, que sofreram a ação de abortos malfeitos e se submeteram a curetagem.¹⁷ O mais alarmante de tudo,



como demonstra pesquisa do IBGE, é que 20% das mortes de adolescentes brasileiras ocorrem em função do aborto.¹⁸ Geralmente, as vítimas destas mortes, que poderiam ser evitadas, pertencem às classes pobres da sociedade brasileira. Elas não têm acesso às clínicas clandestinas, como as meninas de classe média, que pagam em torno de dois mil a três mil reais por aborto feito.¹⁹

Outro grave prejuízo da revolução sexual foi o aumento vertiginoso das doenças sexualmente transmissíveis (DST). Há cerca de 35 anos, a medicina estudava apenas cinco DST: sífilis, blenorragia, linfogranulomatose inguinal, cancro mole e granuloma venéreo.²⁰ Hoje, quase quatro décadas depois do início da revolução sexual, a medicina catalogou mais de 50 DSTs.²¹

Gravidez na adolescência, aborto e doenças sexualmente transmissíveis são alguns dos vários prejuízos causados pela liberação sexual. Também poderia se mencionar a prostituição na adolescência e o abuso infantil. Todos são conseqüências de uma onda liberalizante desencadeada pela revolução sexual, cuja frase “é proibido proibir” sintetiza o principal motivo das ações.

Em recente artigo para a seção “Folha Ilustrada” do jornal *Folha de S.Paulo*, Ferreira Gullar comentou as conseqüências da ideologia representada pelo grafite “É proibido proibir”. De acordo com o escritor “tudo isso era muito divertido, mas a verdade é que contribuiu para minar o princípio de que a sociedade necessita de normas, já que, sem elas, mergulharíamos no arbítrio, na violência e no caos.”²²

O índice alarmante de abuso infantil demonstra o desrespeito contra as normas morais cristãs que restringem a atividade sexual ao casamento monogâmico. Todavia este quadro caótico que caracteriza a sociedade atual nada mais é do que um cumprimento da profecia bíblica, “nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, os homens serão egoístas [...] sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem [...] mais amigos dos prazeres que amigos de Deus” (2Tm 3:1-5).

3. O ABUSO INFANTIL

Em 1999, a Organização Mundial da Saúde (OMS) promoveu um encontro de especialistas no combate ao abuso infantil. Ao final do mesmo, chegou-se a seguinte definição

o abuso ou maltrato infantil constitui toda forma de maltrato físico e/ou psicológico, abuso sexual ou tratamento negligente ou comercial ou outra forma de exploração que cause ou possa causar dano à saúde da criança, à sua sobrevivência ou dignidade no contexto de uma relação de responsabilidade, confiança ou poder.²³

Por violência contra a criança se entende que é “toda forma de violência física ou mental, dano ou abuso, negligência ou tratamento negligente, maltrato ou exploração, incluindo abuso sexual”.²⁴

3.1. Estatísticas norte-americanas sobre abuso infantil

Tendo-se em vista os registros policiais do ano de 2005 nos Estados Unidos, 899 mil crianças foram vítimas de abuso e negligência.²⁵ A seguir, os



tipos comuns de maus tratos: 62.8% - 564.572 vítimas de negligência; 16.6% - 149.234 vítimas de abuso físico; 9,3% - 83.607 vítimas de abuso sexual; 7,1% - 63.829 vítimas de maus tratos emocionais.²⁶

É um triste quadro de sofrimento físico e emocional impetrado contra um elevado número de crianças norte-americanas. Lastimavelmente, esta é uma das conseqüências da revolução que "liberalizou" exageradamente os limites da expressão sexual.

3.2. Pesquisa sobre abuso sexual na Bélgica

A organização de defesa dos consumidores Euroconsumer, em uma pesquisa sobre os hábitos sexuais em quatro países europeus, constatou que na Bélgica, cerca de 15% da população sofreu algum tipo de abuso sexual, a maioria quando era menor de 16 anos. Em 80% dos casos reportados, a vítima foi uma mulher e o agressor foi um homem com alguma relação de proximidade, em geral um ex-parceiro, tio ou primo.

Esta pesquisa na Bélgica entrevistou 1,5 mil pessoas, um número que, de acordo com o Ministério de Assuntos Sociais e Saúde Pública é suficiente para elaborar uma estatística realista em um país com 10,3 milhões de habitantes. O estudo indicou que 55% das mulheres e 60% dos homens violados foram forçados a manter relações sexuais sem consentimento, mas não houve violência física. Em outros 6,3% dos casos com mulheres e 4% com homens, o abuso incluiu violência física.

A Bélgica foi o país com mais casos de violência sexual, mas outros países não ficaram muito atrás. Em Portugal, 10% da população admitem ter sido vítima de abusos, dos quais 6% antes de completar 16 anos. Entre os espanhóis, 11% sofreram algum tipo de violência sexual, sendo que 6% quando era menor de 13 anos.²⁷

Conforme foi destacado nas seções anteriores, esta constatação, em países da Europa, do alarmante índice de crescimento do abuso contra crianças é uma conseqüência funesta da revolução sexual que liberou a expressão dos instintos humanos.

3.3. Estimativas brasileiras de abuso infantil

No Brasil, não se tem dados estatísticos tão próximos da realidade como nos Estados Unidos e Europa. Segundo denúncias que chegam à polícia, calcula-se que em todo o país, a cada minuto, 12 crianças sofram algum tipo de violência.²⁸

A entidade Sentinela de Londrina (PR) notificou 124 casos atendidos em 2002, 34 meninos e 90 meninas ao todo. No ano de 2003 foram 167 casos, sendo 51 meninos e 116 meninas. Em 2004 não foi diferente. Até o dia 9 de dezembro, o programa recebeu 135 vítimas, sendo 93 meninas para 42 meninos. "Noventa por cento dos agressores são pessoas que estão perto das crianças. O crime é praticado principalmente contra vítimas de quatro a dez anos de idade".²⁹

Tomando por base uma cidade de porte médio como Londrina, uma projeção para as demais cidades brasileiras elevaria em muito o quadro de crianças abusadas sexualmente no Brasil, revelando uma triste realidade.



3.4. O triste aspecto do “silêncio”

As estatísticas disponíveis no Brasil, feitas a partir de denúncias registradas em delegacias e demais entidades de defesa dos direitos da criança, indicam que, para quatro denúncias, outras cinco vítimas ainda estão silenciosas nas mãos dos agressores.³⁰

Algumas vítimas não conseguem falar sobre o problema e pedir socorro. Outras são “amordaçadas” pelas ameaças dos abusadores.

O agressor ameaça matar a mãe da criança ou diz para a vítima que se contar para alguém, o tio, o pai ou irmão será preso e que acabará perdendo o parente. Também verificamos outras situações em que a palavra do adulto tem mais peso que a de uma criança.³¹

Às vezes, as mães se calam para proteger os agressores. Outras vezes, interferem para piorar a situação. Crianças que na primeira entrevista com os atendentes do Sentinela contam detalhes da agressão, passam a negar a história, depois que as mães intercedem pelo agressor. Casos como esses revelam que a mulher não quer perder o companheiro ou tem medo de não conseguir sustentar a família sozinha.³² O silêncio das vítimas e das pessoas que deveriam zelar pelo seu bem estar acaba por perpetuar situações abusivas.

3.5. COMPORTAMENTO DO ABUSADO

Estas são as principais evidências de que está ocorrendo abuso: demonstração de conhecimento sexual não adequado à idade; masturbação excessiva; queixa de dor ou ardência nos órgãos genitais; queda no rendimento escolar; resistência para se relacionar com adultos; isolamento ou depressão; distúrbios do sono e do apetite; mudanças bruscas de comportamento; falta de cuidado com a aparência e higiene ou necessidade exagerada de asseio.³³

Qualquer cidadão, principalmente professores, vizinhos, familiares, deveriam estar conscientes destes sinais externos e, logo que identificassem crianças com estas características, deveriam informar aos conselhos tutelares e delegacias de polícia para que se tomassem as devidas iniciativas investigativas e punitivas.

3.6. A PREVENÇÃO DO ABUSO

A seguir, algumas iniciativas que os pais podem tomar à medida que as crianças se desenvolvem:

A partir dos três anos de idade - Ensinar a criança a reconhecer, resistir e informar sobre toques impróprios nos seus órgãos genitais; entre 4 e 5 anos - o modo pela qual as crianças nascem; entre 6 e 11 anos - Utilização correta dos termos que identificam os órgãos genitais; elas podem entender como as crianças são geradas e como nascem; podem impedir ser tocados em suas partes íntimas por outras pessoas.³⁴

Por si só a educação sexual preventiva não impede o abuso sexual, mas contribui para reduzir os índices, pois diante de uma atitude suspeita de qualquer adulto, ela pode agir para impedir ou denunciar o abuso.



O abuso infantil deve ser comunicado às autoridades competentes. Se porventura os abusadores admitissem suas compulsões e procurassem o devido tratamento terapêutico, isto seria suficiente para recuperá-los. Como raramente acontece, deve-se denunciar qualquer tipo de abuso sofrido por crianças. A investigação policial apropriadamente conduzida, o indiciamento, o julgamento e a prisão de um abusador é a melhor iniciativa a ser tomada para se evitar que outras crianças sejam prejudicadas.

4. MENSAGEM PARA QUEM SOFREU QUALQUER TIPO DE ABUSO FÍSICO, EMOCIONAL OU SEXUAL

Toda criança que sofreu algum tipo de abuso deveria ser encaminhada para um profissional competente neste tipo de terapia. Todavia, nem sempre isto é feito, na verdade, bem pouco é realizado. Isto se deve, principalmente, ao “silêncio” a que uma criança é forçada a manter em função das ameaças de revide violento por parte do abusador. Em outras situações, a mãe por receio de perder o arrimo do abusador (marido, parceiro, etc.), deixa de tomar as devidas iniciativas para providenciar apoio terapêutico para a vítima infantil.

O ideal é que a criança que sofreu abuso seja acompanhada por um terapeuta especializado. Sempre que possível, é indicado que após um período de tratamento, o abusado deve “confrontar” o abusador, obviamente um processo conduzido pelo terapeuta. Isto é relevante para a sua recuperação emocional.

Se você que lê este artigo, porventura, sofreu algum tipo de abuso, há uma iniciativa a ser tomada. Esta é de caráter eminentemente espiritual. Lembre-se das palavras de Jesus Cristo aos Seus algozes, “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23:34). Entende-se que na situação de alguém que foi abusado isto é consideravelmente difícil, mas para a sua “cura” isto é indispensável.

Não tenha receio de buscar auxílio terapêutico. Hoje em dia, há várias pessoas qualificadas a prestarem atendimento. Mesmo que seu caso tenha ocorrido há muito tempo, mesmo assim é bom que procure orientação para o seu pleno restabelecimento emocional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer transgressão da lei humana ou divina se constitui num tipo de abuso, o que está em harmonia com a etimologia da palavra, indicando um afastamento do uso normal. Pela perspectiva bíblica, o primeiro e principal abusador é Satanás.

O abuso infantil não é um crime recente, mas tal como a gravidez na adolescência, o aborto, as doenças sexualmente transmissíveis são, em grande parte, resultados funestos de uma ideologia liberalizadora dos instintos que foi promovida pela revolução sexual. Mesmo nos países desenvolvidos não se tem uma estatística precisa de todos os casos de abuso infantil, visto que nem todos os casos chegam ao conhecimento das autoridades. Mas sabe-se que o índice é crescente e alarmante.

Pais, professores, líderes religiosos, entre outros, deveriam estar bem alertas aos sinais exteriores que prenunciam algum tipo de abuso infantil.



Melhor mesmo é prevenir. Para tanto, ministrem as informações adequadas a cada faixa etária. Caso venham a perceber algum tipo de evidência de abuso, precisam comunicar com urgência o fato às autoridades competentes.

NOTAS DE REFERÊNCIAS

- ¹ Para uma melhor noção sobre a influência da teologia de Agostinho para a conceituação negativa do sexo como ação pecaminosa, ver Natanael B. P. Moraes, *Teologia e ética do sexo para solteiros: análise bíblico-histórica e proposta adventista de educação sexual*, tese doutoral, Engenheiro Coelho, SP, maio de 2000, 103-104.
- ² Antônio Geraldo da Cunha, "Abuso", *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986), 6.
- ³ Domingos Paschoal Cegalla, *Novíssima gramática da língua portuguesa* (São Paulo: Nacional, 1997), 112.
- ⁴ Maria Helena Diniz, *Dicionário jurídico* (São Paulo: Saraiva, 2005), 1:34.
- ⁵ Nero Claudius Drusus Germanicus (AD 15 - AD 68), pesquisa realizada na internet, no site <http://www.roman-empire.net/emperors/nero-index.html>, no dia 2 ago 2007.
- ⁶ Chapter 3, Epaphroditus, pesquisa realizada na internet, no site <http://whatistruthsaidpilate.homestead.com/chapter3.html>, no dia 2 ago 2007.
- ⁷ Nero Claudius Drusus Germanicus (AD 15 - AD 68), <http://www.roman-empire.net/emperors/nero-index.html>, 2/8/2007.
- ⁸ Castello Branco, "Abuso", *Enciclopédia Saraiva do direito*, ed. R. Limongi França (São Paulo: Saraiva, 1977), 2:22.
- ⁹ Friedrich Nietzsche, *Assim falava Zaratustra* (São Paulo: Hemus, s.d.), 59-60.
- ¹⁰ Wilhelm Reich, *A revolução sexual* (Rio de Janeiro: Zahar, 1977), 57.
- ¹¹ Herbert Marcuse, *Eros e civilização* (Rio de Janeiro: Zahar, 1972), 171.
- ¹² *Ibid.*, 172.
- ¹³ Blog de Ricardo Calazans, 29 jun 2007, pesquisa realizada na internet no site, <http://odia.terra.com.br/blog/ricardocalazans/200706archive001.asp>, no dia 1 out 2007.
- ¹⁴ "Cresce Número de Mães Adolescentes", *O Estado de São Paulo*, 30 out 1990. Citado em *Revista Paulista de Hospitais* 38 (setembro-outubro de 1990): 46.
- ¹⁵ Antônio Houaiss e Francisco de A. Barbosa, eds., *Enciclopédia Barsa* (Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1986), 14:160.
- ¹⁶ Rogério Verzignasse, "Números Atestam a Maternidade Precoce", *Correio Popular*, 2 nov 1996, 2-Almanaque.
- ¹⁷ Gilberto Dimenstein, e Priscila Lambert, "1 Milhão de Jovens Engravidaram em 97", *Folha de S.Paulo*, 3 de maio de 1998, 3-4.
- ¹⁸ Ciça Valério, "Aborto", *O Estado de São Paulo*, 15 ago 1996, G-4.
- ¹⁹ "Médico é preso por aborto em clínica de SP", *Folha de S.Paulo*, Cotidiano, pesquisa feita na internet no site, <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2205200407.htm>, no dia 3 out 2007.
- ²⁰ Adelírio J. Rios-Gonçalves, "Mudanças dos Padrões Epidemiológicos e Clínicos das Doenças Infecciosas nos Últimos 35 Anos", *Arquivos Brasileiros de Medicina* 69 (janeiro de 1995): 5.
- ²¹ James Ameen, Dissertação de Mestrado, *An Ideographic Analysis of Adolescents Responses to Abstinence Education Messages* (Fullerton, CA: California State University, 1995), 36.
- ²² Ferreira Gullar, "Qual o nosso limite?", *Folha Ilustrada*, *Folha de São Paulo*, 8 jul 2007, pesquisa realizada na internet no site, <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0807200724.htm>, no dia 1º out 2007.



²³ Defesa dos direitos da criança – Documentos, pesquisa realizada na internet no site <http://www.champagnat.org/pt/250301006.htm>, no dia 3 ago 2007.

²⁴ Ibid.

²⁵ Summary - Child Maltreatment 2005, pesquisa realizada na internet no site <http://www.acf.dhhs.gov/programs/cb/pubs/cm05/summary.htm>, no dia 27 de setembro de 2007.

²⁶ Ibid.

²⁷ Márcia Bizzotto, Pesquisa indica que 15% dos belgas sofreram abuso sexual, pesquisa realizada na internet no site http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2006/04/060406_abusosexualbelgicacg.shtml, no dia 2 de agosto de 2007.

²⁸ Aprovada semana de prevenção e combate ao abuso sexual infantil, pesquisa realizada na internet no site http://www.cmc.pr.gov.br/ass_det.php?not=5074, no dia 3 ago 2007.

²⁹ Francisco Lemes, *MP na Imprensa*, pesquisa realizada na internet no site <http://celepar7cta.pr.gov.br/mppr/noticiamp.nsf/9401e882a180c9bc03256d790046d022/7b8c5e1e12902c1883256fb8004e5e0c?OpenDocument>, no dia 3 ago 2007.

³⁰ Ibid.

³¹ Ibid.

³² Ibid.

³³ Fundação da criança e da família cidadã, Prefeitura de Fortaleza, pesquisa realizada na internet no site http://www.funci.fortaleza.ce.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=63, no dia 3 ago 2007.

³⁴ Para maiores informações sobre educação sexual preventiva, ver Thomas Lickona, *Educating for Character* (Nova Iorque: Bantam Books, 1992), 372; Bruce M. King, Linda S. Parisi, e Katherine R. O'Dwyer, "College Sexuality Education Promotes Future Discussions About Sexuality Between Former Students and Their Children", *Journal of Sex Education and Therapy*, 19 (1993): 289-290.